

# *Vila Rica de Jerônimo de Sousa*

Os moradores e viajantes de Minas Gerais que alcançavam o famoso Pico do Itacolomi nos séculos XVIII e XIX tinham à sua volta um panorama perturbador. Olhando para sudoeste, divisavam os paredões alcantilados da região de São João del-Rei. Voltando-se para o nordeste, encontravam ao fundo a Serra do Caraça e, um pouco mais à esquerda, a da Piedade. Na mesma direção, diante de si, podiam admirar o Morro de Santana e o de São Sebastião formando a serra sob a qual se estendia o tortuoso núcleo urbano denominado Vila Rica e, desde março de 1823, Imperial Cidade de Ouro Preto.

Vila Rica havia se constituído da integração de diversos arraiais mineradores que resultaram da ocupação desordenada dos primeiros tempos. Entre a Serra do Ouro Preto, ao norte, e a do Itacolomi, ao sul, estirava-se o vale coberto por um relvado de belíssimo verdor, tendo ao centro o rio de águas avermelhadas cujo leito desdobrava-se em filetes superficiais entremeados com os resíduos dos serviços de mineração. Chamavam-no Ribeirão do Carmo, Rio de Ouro Preto, Vermelho ou Mariana, e seu curso resultava da fusão das águas do Rio Funil, vindo de sudoeste, com aquelas que, principalmente na época das chuvas, precipitavam-se das montanhas circundantes. Nele era possível encontrar, no período em que viveram os músicos Jerônimo de Sousa Lobo, Jerônimo de Sousa Lobo Lisboa e Jerônimo de Sousa Queirós, negros escravos e libertos faiscando alguns vinténs, vestidos de jaquetas de couro, portando ancinhos, bateias de pau de gameleira e, na parte dianteira do corpo, bolsinhas onde guardavam o ouro apurado.

Muitas das casas de Vila Rica, que somavam algo em torno de duas mil, eram construídas de pedra,

cobertas de telha, caiadas de branco, com dois pavimentos, tetos forrados de esteiras, sacadas de madeira e galerias engradadas. Na área central, na segunda metade do oitocentos, quase todas tinham vidros, embora nos subúrbios predominassem as térreas, baixas e pequenas, algumas sem assoalho. Os quintais, bastante comuns, encerravam jardins plantados com profusão de belas flores e dispostos sob a forma de terraços sustentados por muros nos quais proliferavam fetos, musgos e gramíneas. Neles havia também uma variedade de hortaliças tais como alcachofras, aspargos, espinafres, repolhos, feijão e batatas, além de frutos indígenas. As laranjeiras, as bananeiras e os cafeeiros chamaram a atenção de Auguste de Saint-Hilaire, assim como, poucos anos antes, a fertilidade dos pessegueiros surpreendeu John Mawe. O Barão de Eschwege mencionou ainda as macieiras e as ameixeiras.

Na década de 1830, o responsável pelo Jardim Botânico da cidade, que ainda dava seus primeiros passos, distribuía sementes entre alguns moradores. Pela mesma época, algumas residências achavam-se abandonadas, outras aguardavam vazias alguém que as alugasse, e aquelas já locadas ou vendidas tinham seu valor depreciado. Desde o final do século XVIII, Vila Rica enfrentou os efeitos da decadência da mineração, sinalizada pelo significativo decréscimo de sua população, que, das vinte mil almas dos anos 1750, havia se reduzido ao persistente número de oito ou nove mil encontrado no censo de 1804 e no decorrer de todo o XIX. Poucos anos antes da Independência, Eschwege, anfitrião de muitos dos viajantes que passaram pela pequena urbe, desapontou os naturalistas Spix e Martius

ao levá-los para conhecer uma das mais importantes minas da região, a do Coronel Veloso. Localizada nas proximidades do Hospício de Jerusalém, de uma parte, e do novo edifício da Misericórdia, de outra, a mina consistia numa garganta de rochas cheia de fragmentos de pedra aparentando destruição. Nela praticava-se a mineração a talha aberta, a água descendo por covas e depositando a lama e o cascalho no fundo de tanques chamados mundéus. Na ocasião, conquanto tivesse sido muito rica, estava arrendada a faiscadores negros por uma pataca diária.

O declínio da mineração não significou, porém, a decadência da Província de Minas Gerais como um todo, já que desde o último quartel do setecentos, e especialmente após a vinda da Família Real portuguesa em 1808, a agricultura e a pecuária, que vicejavam havia muito, ganharam novo impulso abastecendo o Rio de Janeiro. Tais circunstâncias deslocaram o principal eixo da economia mineira das vilas auríferas para o Sul de Minas, fato que se acentuou ainda mais quando, a partir da década de 1830, o café tomou conta da Zona da Mata. Vila Rica sofreu com as mudanças e permaneceu marcadamente provinciana durante todo o século XIX. Não havia passeios, livrarias, bibliotecas públicas, centros de reuniões e outros espaços típicos da sociabilidade burguesa que amadurecia na Inglaterra ou na França, fato lamentado pelos viajantes estrangeiros sempre inclinados a mensurar o grau de civilização das regiões visitadas segundo os padrões europeus. Existia, contudo, a Casa da Ópera, construída ainda no século XVIII ao lado da Igreja do Carmo, com seus camarotes, uma platéia onde Saint-Hilaire encontrou apenas homens sentados em bancos – que, décadas depois, foram substituídos por fileiras de poltronas –, uma cortina cuja pintura representava as quatro partes do mundo, e o ponto de onde se passavam as falas aos atores mulatos.

Para além da Casa da Ópera, não faltavam, todavia, outras atividades profanas. Na praia do Ouro Preto ou do Manejo, em dias de espetáculos públicos, o doutor Diogo de Vasconcelos encantava-se, na virada do século, com os curros e palanques enfeitados de cores e tecidos diversos que deleitavam os olhos. Nas casas abastadas, algumas delas tão bem arranjadas quanto as do Rio de Janeiro, realizavam-se saraus com senhoras vestidas à moda francesa ou inglesa cantando modinhas ou bailando contradanças. A instrução avançou aos poucos desde o setecentos, e em 1825 havia 325 alunos, quase todos homens, freqüentando as turmas de Primeiras Letras, enquanto somente 39 se dedicavam aos cursos médios de Gramática Latina, Filosofia, Desenho e Anatomia. Em 1839, surgiu a Escola de Farmácia. A imprensa, por sua vez, desenvolveu-se bem desde que, no início da década de 1820, uma primeira e minúscula tipografia oficial imprimiu na vila cópias da fala do Príncipe Regente de 9 de abril de 1822. *A Abelha do Itacolomi*, *O Compilador Mineiro* e *O Universal*, logo depois, deram início a uma série de periódicos caracterizados pela

vida curta e pelo intenso engajamento político. Anos mais tarde, surgiu a primeira revista literária de Minas Gerais, *O Recreador Mineiro*.

Apesar de algumas inovações que apontavam para a modernização da vida urbana, Vila Rica permanecia em grande medida um núcleo colonial onde, no início da noite, os pobres se reuniam diante dos nichos com a imagem da Virgem para rezar as vésperas. A vida associativa permanecia estruturada em torno das irmandades leigas, das festas e procissões, a música, a arquitetura e a pintura assumiam uma conotação fortemente religiosa. Ainda no século do ouro, os avanços da urbanização projetaram um grupo de artesãos e mestres bem-sucedidos, especialmente construtores, que ascenderam socialmente através da propriedade de oficinas, do controle das instâncias que regulavam o trabalho e da arrematação de obras civis e religiosas. Por volta da metade dessa centúria, o português Manuel Francisco Lisboa (?-1767), várias vezes juiz do ofício de carpinteiro, ganhava fama pelos trabalhos executados em diferentes igrejas, dentre elas as duas matrizes, destacando-se ainda na realização de importantes obras civis, como o chafariz do Padre Faria e, principalmente, o Palácio dos Governadores. Seu filho, o mulato Antônio Francisco Lisboa (c.1730-1814), nascido em Vila Rica, distinguiu-se no último quartel com obras no Carmo, na Capela de São José – a cuja irmandade era filiado – e na Igreja de São Francisco de Assis. Dentre suas inúmeras atividades estava a fatura, em 1761, de uma mesa de jacarandá e de dois bancos para a sala da Secretaria do Governo, bem como de mais dois bancos para a dos oficiais subalternos, ambas situadas nas dependências do Palácio. No início do oitocentos, Manuel da Costa Ataíde (1762-1830) fez vários trabalhos nas igrejas do Carmo, das Mercês e Perdões e de São Francisco de Assis, tornando-se, nesta última, responsável por toda a pintura, inclusive a do conhecido teto da nave. Em 1818, tornou-se professor das Artes de Arquitetura e Pintura em Mariana. Havia ainda centenas de músicos que atuavam nas festividades, cerimônias religiosas e residências particulares, dentre eles José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805), Inácio Parreiras Neves (c.1730-c.1794), Marcos Coelho Neto pai (1746-1806) e filho (1763-1823), Francisco Gomes da Rocha (c.1754-1808) e Jerônimo de Sousa (fl.1721-1826), os quatro últimos vizinhos do Bonfim.

A população de Vila Rica nos primeiros anos do oitocentos distribuía-se desigualmente entre os bairros, sendo Antônio Dias e Ouro Preto, sedes de freguesias, os mais populosos – esse bem mais que aquele –, e o de Padre Faria, o menos. Tal desproporção devia-se ao fato de que a emigração decorrente do declínio da mineração, caracterizada pela fuga predominante de homens jovens com capacidade de trabalho, havia conferido à capital um caráter marcadamente burocrático, sendo expressivo o contingente de funcionários administrativos, judiciais, eclesiásticos e militares, via de regra moradores nos bairros mais centrais. Por isso, também, eram

inúmeros os domicílios chefiados por mulheres, boa parte delas negras e mulatas. Em boa medida, Vila Rica acompanhou o fenômeno da multiplicação de indivíduos pardos que, para o desagrado das autoridades, tornou-se geral nas Minas durante a segunda metade do XVIII. A presença marcante de músicos e artesãos mestiços, muitos pertencentes à Irmandade de São José, apenas refletia as fortes mudanças na composição demográfica. A maior parte das residências abrigava pessoas que viviam sozinhas e famílias pequenas, nucleares ou, quando muito, estendidas por uns poucos parentes, agregados e escravos. Seguindo o padrão vigente no decorrer do setecentos, a maioria dos casais viviam concubinais, e o contingente de filhos ilegítimos era grande.

Proporcionalmente, no mesmo período, o número de escravos diminuiu, mas seu peso no conjunto da população vila-riquense – um terço nos primeiros anos de 1800 – era sinal evidente de que se tratava de uma sociedade escravista. Embora a quantidade de domésticos fosse grande, os cativos dedicavam-se às mais variadas atividades. De modo geral, considerando-se o conjunto dos habitantes da futura Imperial Cidade, pode-se dizer que, para além dos funcionários e militares, prevaleciam os diversos oficiais mecânicos, faiscadores, comerciantes de todo tipo e um bom número de desocupados que não tinham trabalho ou eufemisticamente diziam viver “de sua agência”. Mawe observou os muitos alfaiates, sapateiros, ferreiros, latoeiros e seleiros, estes últimos parecendo-lhe indispensáveis num lugar onde todos andavam a cavalo. Burton, décadas depois, estranhou que os oficiais, cujas lojas ficavam no rés-do-chão das casas, passassem os dias sentados à porta conversando com os transeuntes. O comércio de importação era considerável, e os estabelecimentos, forrados de quase todos os tipos de artigos ingleses, vendiam mercadorias sortidas. Spix e Martius notaram que Vila Rica tinha o comércio mais animado do interior do Brasil, daí partindo estradas para São Paulo, Bahia, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro, sendo a desta cidade a mais movimentada com o vaivém das tropas. Para o Rio de Janeiro, distante setenta léguas, seguiam semanal ou mensalmente

grandes caravanas carregadas de produtos da região, incluindo algodão, couros, marmelada, queijos, pedras preciosas, barras de ouro etc., de lá voltando com sal, vinho, chitas, panos, presuntos, espelhos, artigos de ferro e escravos. Na redondeza de Ouro Preto havia ainda uma fábrica de pólvora e uma olaria.

As referências cotidianas a Maria Joaquina Dorotéia (1767-1853) – já fortemente identificada como a Marília de Dirceu – a Tomás Antônio Gonzaga (1744-c.1810), a Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) e a outros inconfindentes, registradas por Richard Burton em 1867 – ano em que foi erguida na Praça a Coluna Saldanha Marinho, o primeiro monumento dedicado aos conjurados –, sugerem que uma memória sobre a Inconfidência vinha sendo gestada naquela época. Vila Rica foi palco de acontecimentos políticos importantes nas décadas que se seguiram à conjura de 1789. As notícias chegadas de Lisboa em 1821 e tomadas como sinais de uma pretensa vontade recolonizadora acenderam na capital mineira proposições radicais, embora minoritárias, que almejavam a criação em Minas de uma Confederação de Estados Unidos separada das demais províncias do Brasil. A primeira viagem do Regente Dom Pedro à região visava apagar esse incêndio, intento em que obteve êxito quando, depois de estacionar no Capão do Lana e certificar-se da pouca propensão dos revoltosos a combater com tropas vindas do Sul da Capitania, entrou solenemente em Vila Rica, dando um passo decisivo na efetivação da Independência do Brasil. Uma década mais tarde, porém, as Minas Gerais, numa recepção lacônica, selaram o destino do então Imperador às vésperas da abdicação.

Em 1833, a Imperial Cidade seria ainda sede de uma revolta militar gerada pela insatisfação de poderosos locais com as medidas administrativas que esvaziavam os poderes das Câmaras Municipais. Em 1842, enfim, os moradores presenciaram a chegada do Barão de Caxias, comandante das tropas que iriam de encontro aos liberais revoltosos contra a imposição de medidas conservadoras. Apesar de esvaziada e provinciana, a antiga Vila Rica continuava a viver como capital.

*Marco Antonio Silveira*  
(Universidade Federal de Ouro Preto)

## BIBLIOGRAFIA

- ANASTASIA, Carla Maria Junho; LEMOS, Carmem Silvia; JULIÃO, Leticia. Dos bandeirantes aos modernistas: um estudo histórico sobre Vila Rica. *Oficina do Inconfidência*, Ouro Preto, ano 1, p.18-132, dez. 1999.
- ANDRADE, Francisco Eduardo de. Poder local e herança colonial em Mariana: faces da Revolta do “Ano da Fumaça”. In: *Termo de Mariana*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 1998. p.127-135.
- BUNBURY, Charles James Fox. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 123p.
- BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. 366p.
- CARVALHO, Feu de. Reminiscências. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.19, 1921, p.149-162 e 267-353; v.20, 1924, p.339-352.
- CONTINUAÇÃO das Províncias [Portarias?] que Sua Alteza Real o Príncipe Regente do Brasil foi servido dar durante a sua estada na Província de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.1, 1896, p.375-406.
- CORRÊA MOURÃO, Paulo Kruger. *As igrejas setecentistas de Minas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. 180p.
- CUNHA MATOS, Raimundo José da. *Corografia histórica da Província de Minas Gerais, 1837*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981, 2v.
- ESCHWEGE, Barão de. Notícias e reflexões estatísticas da Província de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.4, 1899, p.737-762.
- INSTRUÇÃO PÚBLICA: primeiras aulas e escolas de Minas Gerais (1721-1860). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.24, 1933, p.362-363.
- A INSTRUÇÃO PÚBLICA e particular em Minas Gerais nos anos de 1824 e 1825. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.3, 1898, p.639-673.
- O JARDIM BOTÂNICO de Ouro Preto em 1835. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.3, 1898, p.774-777.
- LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero da. *Minas Colonial: economia e sociedade*. São Paulo: FIPE, Pioneira, 1982, 85p.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: MEC, 1974, 2v.
- MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais: Vila Rica, 1804*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969, 209p.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978, 243p.
- RAMOS, Donald. Marriage and family in Colonial Vila Rica. *Hispanic American Historical Review*, v.55, n.2, maio 1975, p.200-225.
- RIBEIRO DE VASCONCELOS, Diogo Pereira. Memórias sobre a Capitania de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.6, 1901, p.757-965.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 378p.
- SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 3v.
- VASCONCELOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. Rio de Janeiro: MEC, 1956, 318p.